

## RESEÑAS - COMPTES RENDUS

**AMEZAGA, Pilar - BARCELLOS, Gustavo - CAPRILES, Axel - GERSON, Jacqueline - RAMOS, Denise (eds.) (2012), *Listening to Latin America. Exploring Cultural Complexes in Brazil, Chile, Colombia, Mexico, Uruguay and Venezuela*, New Orleans, Louisiana: Spring Journal Books, 289 p.**

Aproximadamente a partir dos anos 80 e nomeadamente a partir do início dos anos 90 a tradição junguiana começou a dirigir-se à uma direção totalmente nova quando começou a trabalhar com o conceito do “complexo cultural”. O fundador e *maître* dela, Carl Gustav Jung concebeu o consciente coletivo e os nodos dominantes dela, arquétipos, mas aplicou esses conceitos quase exclusivamente aos indivíduos e relutou em aplicá-los às sociedades e nações.<sup>1</sup> Como diz o co-autor desse livro, Thomas Singer:

Jung’s natural introversion (and his appeal to other introverts) and his fundamental focus on individuation had an unacknowledged tendency to set the individual up against or in opposition to life of the group. Living in “the collective” is most easily seen by Jungians as monstrous and magically destructive. In the Jungian tradition (as in the more general Western tradition), the individual has been given the heroic task of slaying the group’s devouring hold on him or her. [...] Maybe this is, in fact, a “cultural complex” of the Jungian tradition.<sup>2</sup>

Esta resistência à psicologia coletiva tornou-se uma parte integral da tradição junguiana (James Hillman, Rafael Lopez-Pedraza, Erich Neumann, Edward F. Edinger e outros.). Mas Joseph Henderson, Michael Vannoy Adams e mais recentemente Samuel Kimbles e Thomas Singer introduziram o conceito do complexo cultural. Ao mesmo tempo é importante que todos eles foram inspirados por um gráfico do Jung do ano 1926 (nele Jung diferenciou oito camadas da psique e lá os herdeiros dele diferenciaram o inconsciente: 1. pessoal e 2. coletivo que pode ser dividido em 2a. culturo-social, 2b. natural) e, naturalmente, também a teoria do complexo do Jung.

Thomas Singer, co-autor do livro revolucionário do ano 2004 e o editor da série *Analytical Psychology & Contemporary Culture*, é também o autor da introdução dela (p. 1-13) na

<sup>1</sup> “It is really the individual’s task to differentiate himself from all others and stand on his own feet. All collective identities, such as membership in organizations, support of ‘isms’, and so on, interfere with the fulfillment of this task. Such collective identities are crutches for the lame, shields for the timid, bed for the lazy, nurseries for the irresponsible” (JUNG, Carl Gustav (1961), *Memories, Dreams, Reflections*, New York: Pantheon Books).

<sup>2</sup> SINGER, Thomas - KIMBLES, Samuel L. (2004), *The Cultural Complex. Contemporary Jungian perspectives on psyche and society*, London: Brunner-Routledge, 4.

qual o complex cultural define na maneira seguinte: “[...] an emotionally charged aggregate of historical memories, emotions, ideas, images, and behaviors that tend to cluster around an archetypal core that lives in the psyche of a group and is shared by individuals within that identified collective” (p. 5).

Mas o complexo cultural opera tanto nos indivíduos quanto nos coletivos, exerce o poder (frequentemente inconsciente) real e frequentemente determina as reações e as respostas mutuais dos indivíduos e grupos.

O fato que essa temática é muito complexa prova que Singer define o complexo cultural através da fenomenologia dele como complexo que se manifesta através de: temperamentos poderosos, comportamento repetitivo que resiste ao controle do consciente e conscientização (continua sendo até grande grau inconsciente), é um armazém das experiências do passado dos nossos antepassados (e por isso frequentemente fala do “espírito ancestral” ou “alma ancestral”), funciona involuntariamente e inconscientemente e a insegurança e ambiguidade quotidiana são substituídas pelas atitudes fixas ao mundo, os complexos culturais tem o núcleo arquetípico, i.e. são enraizados nas idéias primordiais irresistíveis para o consciente e não refletidos, a origem deles fica frequentemente nos eventos traumáticos que aconteceram há centenas ou milhares de anos.

Ao mesmo tempo, é necessário diferenciar o complexo cultural da assim chamada “psique coletiva”, a noção que não é o sinónimo do inconsciente coletivo.

A teoria do complexo cultural é um momento de virada porque a assim a tradição junguiana iniciou a pesquisa interdisciplinar que inclui várias ciências sociais e pergunta “How do those spheres of human experience described by historians, sociologists, and anthropologists actually ‘live’ in us as individuals and as members of groups, tribes, and nations?” (p. 7).

Este volume é uma compilação extraordinária da autoria dos analistas junguianos sulamericanos cuja ambição é estudar a teoria e a prática do complexo cultural neste subcontinente. Nos treze capítulos descobrimos o comportamento, estereótipos, atitudes e modelos emocionais dos seis países com o uso do material histórico, sociológico, mitológico, psicológico. A América do Sul é uma região que se caracteriza pelas “fault lines” psicológicas que exercem o distúrbio na suas respectivas populações nas questões como é classe social, etnicidade, raça, género e também geografia. Muitas dessas “fault lines” tem frequentemente a sua origem em algum “basic fault” que vem à época da conquista e da colonização. Estas “basic fault” e “fault lines” podem ser distribuídas em graus diferentes entre vários grupos/classes sociais que competem do poder, influência ou riqueza, mas esta realidade social só espelha a realidade da psique de todo sulamericano. Cada um carrega na sua memória emocional de longo prazo e as cicatrizes dos conflitos já muito tempo passados com ela associadas.

O volume *Listening to Latin America* contém 289 páginas e cobre quase todos os países da América do Sul. Este volume constitui a continuação de cinco volumes anteriores publicados na série *Analytical Psychology & Contemporary Culture* (1. Ronald Schenk, *An American Soul: A Cultural Narrative*; 2. Craig San Roque et al., *Placing Psyche: Exploring Cultural Complexes in Australia*; 3. Virginia Beane Rutter, *Ancient Greece, Modern Psyche: Archetypes in the Making*; 4. Tomas Singer, ed., *Psyche and the City: A Soul's Guide to the Modern Metropolis*; 5. Luigi Zoja, *Violence in History, Culture and the Psyche: Essays*).

A primeira e mais extensa parte do volume contém cinco capítulos e dedica-se ao Brasil. No primeiro deles (p. 17-30) Gustavo Barcello analisa o tema mais geral da polaridade

entre os arquetípicos Norte e Sul (tema intenso presente nas vidas tanto de Freud quanto Jung) e não se limita somente ao Brasil. A perspectiva dele é antes a perspectiva do Norte (claro, *maître* dele é Jung e a própria psicologia analítica é o fenómeno do Norte), i.e. Europa do norte/protestante que sempre viu o contrapolo dela na Europa latina/mediterrânea e mais tarde na África. Da perspectiva arquetípica o Sul é o sinónimo do “primitivo”, inconsciente e do submundo (da perspectiva do Norte). Como o próprio Barcello escreve “We [...] become the true carriers of body, instinct, spontaneity, nature, joy, song, nudity. Again, a huge cultural complex” (p. 24). Mas na realidade o arquétipo do Sul é mais complexo e espelha-se em muitos aspectos da vida que continuam sendo invisíveis para os habitantes do Sul.

No segundo capítulo (p. 31-50) Walter Boechat escreve sobre o complexo do “racismo cordial” no Brasil: ele o define como o complexo deduzido ou derivado da miscigenação de três raças diferentes: “[...] the image of sadistic master and the suffering slave may be considered as cultural complex that has manifested itself in the very stratified system of Brazilian society” (p. 36).

Denise Ramos (p. 51-74) estuda a história fascinante do estado e da metrópole de São Paulo em termos do complexo cultural. A especificidade desta cidade e estado é a mentalidade paulista/paulistana dentro da federação brasileira claramente visível nas atitudes deles em relação ao resto do país. Ramos observa esse fenómeno do complexo cultural regional a partir da história do estado.

O Capítulo de Liliana Wahba (p. 75-107) poderia ser considerado a extensão do capítulo de Denise Ramos. Wahba observa os habitantes de São Paulo e estuda as graffiti numerosas espalhadas pela metrópole brasileira a partir da psique e a psicopatologia especificamente brasileira e paulistana e diagnostica o complexo cultural paulistano como desumanização do ambiente urbano brasileiro.

Brian Feldman (p. 109-125) é um analista Americano cuja atenção é virada aos habitantes da Amazônia. Com as experiências dos estudos antropológicos e nomeadamente das escolas elementares na Amazônia, ele se dedica ao fenómeno da “cultural skin”. O ponto de partida dele é a tese freudiana segundo qual “the ego is the first and foremost a bodily ego; it is not merely a surface entity, but is itself the projection of the surface [surface = pele]” (p. 117).

A segunda parte do livro se dedica ao Chile e contém um capítulo só cujos autores são Claudia Beas e Javiera Sanchez (p. 129-149). O título é auto-referencial porque fala do “fim do mundo” e do “complexo do isolamento”, i.e. as duas características do complexo cultural chileno que é associado com a ditadura de Pinochet e também com a condição geográfica desse país. O complexo cultural do Chile fica entre as polaridades isolamento-vínculo, desconfiança-confiança, submissão-dominação e superioridade-inferioridade.

A terceira parte é dedicada à Colombia. A autora do único artigo dessa parte é Maria Munévar (p. 153-168), que descreve um caso específico do assassinato de um menino de 16 anos. Na base da história desse menino Maria Munévar analisa a questão da exclusão social e da classe, da pobreza e do treinamento da juventude para o trabalho dos jovens assassinos.

Jacqueline Gerson abre a quarta parte (p. 171-187) dedicada ao México e estuda a desproporção entre o que a sociedade mexicana promete oficialmente e como é a realidade dela. Daqui ela chega à uma polaridade conquistador-conquistado assim como existe na psique mexicana. Claude Juvín e Rocío Ruiz descrevem e explicam a desintegração

da sociedade mexicana contemporânea e “propose that the myths of creation form the psychic substratum of our culture [...] the archetypal energies of the mythic substratum express themselves in the contemporary, chaotic cultural complexes devouring Mexico today” (p. 204).

A quinta parte estuda o caso uruguaio. Pilar Amezaga e Pablo Gelsi apresentam o imaginário oficial desse país e se referem ao que foi omitido e esquecido nele. Justamente esses “pontos vazios” do imaginário oficial constituem o complexo cultural mais forte desse país.

Na sexta parte Axel Capriles (p. 235-257) inicia um olhar analítico à Venezuela e apresenta a origem histórica da palavra *gringo* porque essa palavra fica nas raízes do principal complexo cultural que encontramos no eixo arquetípico Norte-Sul. Para o autor o complexo do gringo é “symbol of unresolved collective contradictions that demand consciousness. We condemn the gringo’s cold pragmatism of American Capitalism but we are furious consumers of all type of American goods and services” (p. 255). Outro analista venezuelano Eduardo Carvallo (p. 259-272) estuda as diferenças principais entre a psique indígena e a europeia e assim revela que “basic fault” latinoamericano constituem as consequências da conquista europeia. Margarita Méndez (p. 237-289) fica concentrada nas emoções da inveja e ressentimento cujas origens estão enraizadas na exclusão social na Venezuela.

O volume em si é uma prova da interação importantíssima entre psicologia analítica e outras disciplinas sociais. Como provam alguns artigos e debates presentes nos vários volumes de *Spring Journal* caráter e fronteiras dessa interação continua sendo discutida (recentemente disputa Giegerich-Romanyshyn)<sup>3</sup>, mas autores e pesquisadores como por exemplo Nancy Caro Hollander, Mary Watkins ou Helene Shulman<sup>4</sup> oferecem prova dessa ligação há muitos anos.

Aleš Vrbata

(Universidade Estadual de Feira de Santana)

**BŘEZINOVÁ, Kateřina (2014), *El imaginario chicano. La iconografía civil y política de los mexicanos en Estados Unidos de América 1965-2000*, Praga: Karolinum, 229 p.**

El libro de Kateřina Březinová (publicado como *Supplementum* 36 de la revista *Ibero-Americana Pragensia*) es un texto que traspasa muchas fronteras. Primero, en el sentido literal, en cuanto al espacio físico. Como subraya la autora en los agradecimientos, su estudio fue «escrito entre México, California, Texas, España y la República Checa» (p. 9). Hecho que se refleja también en la forma lingüística híbrida ya que aparte de la lengua principal, el español, aparecen también numerosos pasajes en inglés, citas textuales que no se traducen al castellano. Al mismo tiempo, dicha obra es resultado de una investigación multidisciplinaria, en vista de que junto al análisis semiótico del imaginario chicano que representa el núcleo del libro aparecen igualmente capítulos muy importantes y relativamente extensos, basados en otras disciplinas científicas, sea en otras facetas de la antropología cultural, sea en historia, sociología, demografía, encontraremos incluso incursiones

<sup>3</sup> *Spring. A Journal of Archetype and Culture*, vol. 85, 2011.

<sup>4</sup> HOLLANDER, Nancy Caro (1997), *Love in a Time of Hate. Liberation Psychology in Latin America*, New Jersey: Rutgers University Press; WATKINS, Mary - SHULMAN, Helene (2010), *Toward Psychologies of Liberation*, New York: Palgrave MacMillan.